

DIÁLOGO ENTRE UNIVERSIDADE E COMUNIDADE: OS CAMINHOS POSSÍVEIS PARA A COOPERAÇÃO NO ASSENTAMENTO PEQUENO RICHARD NO ENSINO COMUNICACIONAL

Ana Flávia Nóbrega Araújo (1); Rafael Nóbrega Araújo (1); Tamyres Dysa da Luz Ayres (2); Dr. Luiz Custódio da Silva (3)

Universidade Estadual da Paraíba, ana8flavianobreg@gmail.com

Universidade Estadual da Paraíba, rafael.nobreg.araujo@gmail.com

Universidade Estadual da Paraíba, tamyresdysa@gmail.com

Universidade Estadual da Paraíba, custodiocpj@uol.com.br

Resumo: O presente artigo objetiva relatar uma experiência de pesquisa qualitativa adquiridas no estudo de caso do Assentamento Pequeno Richard situado em um dos distritos da cidade de Campina Grande, Catolé de Boa Vista. A pesquisa centra-se especificadamente, nos problemas sociais enfrentados pela comunidade e na intervenção da comunidade acadêmica no meio rural, destacando a realização do diálogo e da metodologia participativa educacional e social. Tecendo algumas considerações sobre a política agrária no estado da Paraíba que vem ganhando espaço nas discussões acadêmicas na contemporaneidade. Explanar as dificuldades e as maneiras de sociabilização e cooperação nos possibilita tratar o tema com um outro viés, com relatos de experiência e memórias de vida. Permitindo-nos unir os saberes da esfera acadêmica aos saberes advindos do campo social para debates plurais e multiconfessionais. A pesquisa é fruto de atividades comunitárias desenvolvidas na disciplina de Comunicação e Terceiro Setor do curso de Comunicação Social da Universidade Estadual da Paraíba no Assentamento propondo uma reflexão sobre as formas de intervenção e interação entre academia e a sociedade. As ações foram desenvolvidas por meio de metodologias participativas que contribuíram para o fortalecimento e articulação das redes comunitárias, utilizando-se de intervenções que estimulem o saber e valor das várias facetas da comunicação com estratégias didáticas para capacitação coletiva e infantil, audiovisuais e multimídias. Neste texto dialogamos com conceitos e ideias relevantes do universo da comunicação ao evidenciar a importância da entrevista nas ciências sociais, a Folkcomunicação como fomentadora da exaltação do papel de liderança comunitária e de atores e mediadores do conhecimento, visão e papel educacional da intervenção e ainda o tema da reforma agrária nacional e também no estado da Paraíba que nos possibilitam refletir sobre a prática interventiva na área social.

Palavras-chave: Participação Comunitária; Cidadania; Folkcomunicação; Educação; Política Agrária.

INTRODUÇÃO



O presente projeto traz a luz reflexões a cerca das observações feitas no Assentamento Pequeno Richard no Distrito de Catolé de Boa Vista na cidade de Campina Grande-PB. Tendo por objetivo analisar e refletir em torno das observações feitas das práticas educativas com as crianças moradoras do assentamento, que foram propiciadas pelo componente curricular de Comunicação e Terceiro Setor ministrado pelo Professor Drº Luiz Custódio da Silva que integra a grade do curso de Comunicação Social – habilitação em Jornalismo pela Universidade Estadual da Paraíba realizados no 5º período do curso com a prática do trabalho acadêmico no campo social. O período abrangido pela observação no assentamento ocorreu entre 3 de setembro e 15 de outubro de 2016. Nele estão contidas reflexões e informações sobre o projeto realizado e ainda os sujeitos participantes e integrantes.

O projeto versa ainda uma intervenção voltada para a relação entre o meio acadêmico e comunidades que anseiam por suporte em âmbitos diversos com o objetivo de auxiliar esse relacionamento com a prática do trabalho científico no campo social. Nele estão contidas reflexões e informações sobre a pesquisa realizada e dos sujeitos participantes e integrantes desta pesquisa.

O foco da nossa pesquisa foi o assentamento Pequeno Richard situado no Distrito de Catolé de Boa Vista – PB. Identificando as necessidades em que os assentados enfrentam dia após dia em busca de uma vida digna em contextos de lutas sociais, compreendendo suas práticas na construção de sua comunidade e sua participação social, principalmente ao que se refere às crianças assentadas.

A atividade de intervenção social comunitária foi intitulado de “Meu Sonho é Cidadania: Os Caminhos Possíveis Para a Cooperação e Construção Social no Assentamento Pequeno Richard” tendo como tema gerador das inquietações a situação de vida dos moradores do assentamento, como estes estão afastados de um cenário de vivência dos centros urbanos. O nosso trabalho traz ainda como questão central as maneiras de como pode dar-se a relação entre a comunidade acadêmica e a sociedade em geral com o objetivo de modificar o meio em que fora desempenhado tal prática. Traçando uma reflexão de qual o nosso papel, enquanto comunicadores, na educação de membros desta comunidade e das demais.

A partir de dados coletados e nas fontes pesquisadas explanamos uma visão do que foi realizado entre o período de 3 de novembro de 2016 e 15 de outubro do mesmo ano. Apresentaremos aqui as considerações gerais, produto de leitura teórica e da vivência *in loco*, bem como a produção de um curta-documental, oficina de fotografia e de telejornalismo com as crianças assentadas e as nossas percepções a cerca das atividades realizadas.



Incorporando e buscando respostas a frase de Caetano Veloso (1979), “existirmos: a que será que se destina?” faz-se o nosso objetivo de mostrar que é possível fazer a aplicação dos conteúdos vistos em sala de aula para buscar encobrir as lacunas que os poderes públicos deixam na sociedade, que é importante sairmos da nossa zona de conforto para assumirmos um papel essencial na sociedade.

Lutar pelo direito a terra e casa própria é também lutar pela vida. Retratar um pouco do cotidiano pouco desta luta cotidiana é de suma importância para fugir do protótipo enraizado pela grande mídia. Protótipo este que mostra o trabalhador sem terra e os assentados em geral como *vagabundos*, marginalizados e agressivos. Deste modo, um dos pilares principais na realização deste projeto é, sobretudo, a (des) construção deste protótipo, mostrando a verdadeira face da luta pela reforma agrária e por melhores condições de vida. Como impedir que essa população seja julgada por lutar para sobreviver se torne cada vez mais afastada da sociedade em geral? A divulgação através de trabalhos de intervenção é um caminho possível.

Deste modo o projeto reside na importância de construir uma sociedade mais justa e igualitária, principalmente para aqueles que não possuem acesso a nada ou quase nada através de trabalhos comunitários, notabilizando estes como camadas sociais negligenciadas. É preciso conscientizar a sociedade, pais, crianças e jovens de que é preponderante para o desenvolvimento social que haja a unidade comunitária, para assim discutirmos o assunto com coragem e espírito reflexivo.

METODOLOGIA

A abordagem metodológica é parte integrante do contexto de nossa pesquisa, principalmente no que se refere a prática jornalística, onde foram realizadas entrevistas abordando a temática da luta agrária e as distintas dificuldades por trás do estereótipo dos “sem-terra” na sociedade atual.

Num primeiro momento, discutimos sobre a temática base para a produção deste projeto em sala de aula, o papel do jornalismo comunitário voltado para o Terceiro Setor, fizemos leituras no contexto da temática trabalhada, em que foram discutidos os textos encontrados em sites oficiais das entidades e de artigos científicos, posteriormente entramos em contato com os sujeitos participantes da nossa pesquisa, na qual entrevistamos (4) mulheres e (4) homens em sua grande

maioria residentes do Distrito de Catolé de Boa Vista – PB, componentes do assentamento Pequeno Richard e um deles da cidade de Campina Grande, Paraíba.

Como abordagem inicial foi feito o contato com uma das fontes que representa todos os moradores do assentamento, quando explicamos os procedimentos da pesquisa, em que nos deslocamos até a localidade onde todas concordaram em participar da pesquisa nos fornecendo as informações necessárias para o prosseguimento da pesquisa.

Em um segundo momento, realizamos a captação de imagens para a produção do curta documental. Logo em seguida, realizamos a análise das entrevistas e imagens para compor o produto midiático.

O último momento foi caracterizado pelo retorno ao assentamento para a realização das oficinas de Fotografia e de Telejornalismo com crianças e ainda a exibição do curta-documental para a população. As aulas se deram de maneira oral, dialogada e expositiva, com exibição de material imagético, como já fora citado.

Para a abordagem do tema adotamos autores específicos dos temas tratados onde pudemos centrar os estudos no campo comunicacional com as pesquisas de Edgar Morin (1965) sobre a importância da entrevista nas ciências sociais, Osvaldo Trigueiro (2006) tratando da Folkcomunicação em diálogo com a pedagogia da educação para delimitar o papel folkcomunicacional dos líderes comunitários e dos agentes mediadores, o tema da reforma agrária nacional e também no estado da Paraíba, como Franco (2004), Oliveira (2008) e Garcia (2008). Além de informações contidas nos sites oficiais do Movimento dos trabalhadores Sem-Terra e do INCRA, programa do governo federal entre outros.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O diálogo da prática jornalística com a vivência da pesquisa de campo nos permite compreender distintos aspectos do social, sobretudo, quando este está ligado a questões humanas pode ser percebida através das falas de nossos entrevistados e ao longo deste primeiro momento da pesquisa. Os aspectos histórico-sociais da reforma agrária no estado da Paraíba oferece-nos uma orientação de vida para as famílias inseridas no contexto da luta efetiva e constante para além de hequitares de terra e do nosso projeto.

[...] As referências do movimento social das que dispomos são insuficientes para pensá-lo.
[...] Sob a denominação de movimento territorial entendemos aquele que na sua estrutura, organização e consecução depende sobretudo da apropriação simbólica, ou não, do território.

O que significa entender o território como um espaço, ao mesmo tempo, de apropriação e reprodução concreta e simbólica. Entendemos que o novo conceito de “movimento sócio-territorial” esvazia o significado político do espaço singularizado no conceito território (FRANCO, 2004, p. 20).

Franco (2004) nos lembra que a luta daquelas pessoas ultrapassa os limites territoriais e parte também para apropriação simbólica. Neste sentido ao observarmos os relatos dos assentados entrevistados podemos perceber este aspecto de apropriação simbólica que ganha forças nas suas práticas cotidianas para conquistar de fato e por lei aquele trecho de terra.

Além deste papel de estabelecer ou de procurar estabelecer uma forma de conduta de vida diante de situações difíceis, buscamos referências históricas sobre a formação e a construção do Movimento dos Trabalhadores-Sem Terra no Estado da Paraíba, Oliveira (2008) e Garcia (2008) apontam que:

Desde o processo que levou a sua fundação o MST define-se como uma forma de organização da classe trabalhadora no campo. Seguindo esse princípio de organização, os sem-terra vivenciaram diferentes experiências na construção do Movimento na Paraíba, em função das diferenças regionais dentro do estado. Como em grande parte do Nordeste, os trabalhadores e trabalhadoras organizados sob a sua bandeira encontraram fortes resistências para a se constituir enquanto um movimento social no campo. (OLIVEIRA & GARCIA 2008, p. 19).

Segundo Fernandes (1999), desde o ano de 1985 quando houve o primeiro Congresso do MST (Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra) realizado em Curitiba – PR, onde participaram 25 lavradores da Paraíba houve a disposição dos mesmos a fundar o movimento no estado. O MST é uma organização da classe trabalhadora no campo. A primeira ocupação foi no dia 7 de abril de 1989 na Fazenda Sapucaia. Além das ocupações a organização realiza cursos de formação e articulação de base. Ao todo 36 assentamentos já foram liderados pelo movimento no estado, com mais de 747 famílias distribuídas nos loteamentos. Hoje apenas 7 são liderados pela organização. Os outros são ‘liderados’ pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - INCRA, autarquia do Governo Federal veiculada ao Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA).

Nesta perspectiva atentamos para as passagens dos relatos de todos os assentados presentes no produto midiático e na realização de nossas atividades para a reafirmação da dificuldade para se efetivar a luta pelo movimento social no campo, principalmente todos os aspectos que a luta resulta. Identificamos como problema pontual no Pequeno Richard a ausência de assistencialismo.

O assentamento possui um total de 50 famílias distribuídas em lotes de terra, dentre estas 76 são crianças que vivem com a falta de acompanhamento necessário. Enfrentando a luta diária de

milhares de nordestinos a seca é um dos principais fatores de inquietação e preocupação dos moradores do assentamento. Não existe água nas torneiras e ainda há déficit de abastecimento de água pelos poderes públicos. A crise hídrica que assolou a cidade de Campina Grande foi fator principal na dificuldade na criação de animais. A saúde é fragilizada, já que os moradores precisam deslocar-se para cidades vizinhas para obter atendimento devido. Assaltos e abusos são constantes, tanto no distrito quanto no assentamento. Problema que dias antes de nossa primeira visita assolou os moradores, uma jovem acabara de ser vítima de estupro.

É daí que surge o projeto de intervenção observado e o este projeto também, buscando levar para essa população que eles não estão sozinhos nesta luta pela busca da cidadania que deveria ser sua por direito.

Matayoshi (2006) alerta a comunidade acadêmica para a abertura destes canais para uma abordagem multidisciplinar do terceiro setor na área de comunicação. A universidade, segundo a autora, encontrava-se aberta para estudar e dialogar com o segmento comunitário. Para isso, foi necessário implantar nos cursos componentes curriculares que aproximassem a teoria com a prática. É como ocorre nos dias atuais, inclusive no nosso caso. Foi-nos dado a possibilidade de trabalhar com setores negligenciados pela alta sociedade para compreender pessoas e fenômenos que nos tiraram da zona de conforto.

Para adentrar neste universo visitamos a comunidade e entrevistamos alguns moradores para poder compreender o contexto social em que estão inseridos. Ao todo, em um primeiro momento, foram entrevistados quatro mulheres e quatro homens residentes no assentamento desde os momentos iniciais da ocupação. Aqui podemos nos centrar em estudos levantados por Edgar Morin (1965), sobre a importância da entrevista nas ciências sociais. Fonte primária de diálogo com os atores sociais o uso da entrevista é também uma interessante fonte de pesquisa científica. Como destaca Morin (1965):

No domínio do rádio e da televisão, a entrevista pode ter um efeito psico-afetivo profundo, que ultrapassa, de muito, a estrita missão de informar. Em todos os casos, a palavra informação é insuficiente para esgotar a natureza da entrevista. A entrevista é uma intervenção, sempre orientada para uma comunicação de informações. Mas este processo informativo, sempre presente, pode não ser o processo nem o fim essencial da entrevista; é o processo psico-afetivo ligado à comunicação que pode ser o mais importante, embora de maneira diferente, tanto no domínio das ciências humanas quanto no domínio dos veículos de massa. (MORIN, 1965, pp.01-02)

Com os dados colhidos, podemos observar que a discussão da temática da reforma agrária urge no contexto contemporâneo atrelado à prática e pesquisa científica para pensarmos e repensarmos a construção de uma sociedade justa e igualitária para todos. Observamos que as dificuldades enfrentadas pelos assentados no Pequeno Richard não pertence as suas subjetividades e sim, como algo que deve ser debatido para ser modificado pela sociedade civil em geral. Não deixando a responsabilidade social apenas para os que possuem influências no âmbito político. Por isso a comunidade acadêmica deve intervir nestas comunidades para modificar e levar reflexão tanto para os receptores quanto para os próprios produtores.

A sobrevivência da universidade perpassa e depende da observação ativa dos fenômenos que ocorrem na sociedade e que geram pesquisas voltadas para a busca de soluções. A realização do projeto, e conseqüentemente deste artigo, parte do pressuposto de que o papel da universidade está para além da formação do profissional, a missão é também servir na formação cidadã que ultrapasse os limites dos campi como um distanciamento para a busca da reflexão.

As experiências junto às comunidades permitem uma reflexão sobre as práticas em geral relacionadas à formação profissional, sobretudo no que se refere a atuação dos agentes externos e as dificuldades existentes na relação entre o poder público e a comunidade. A nossa atuação enquanto comunicadores a partir da tarefa proposta pelo professor Luiz Custódio da Silva na disciplina de Comunicação e Terceiro Setor foram exaltadas como de suma importância de analisar criticamente o alcance das políticas públicas e sociais implementadas durante anos no Brasil e no estado da Paraíba e os projetos que se propõem para corrigir as lacunas deixadas.

A intervenção na realidade não visa levar a universidade a substituir funções de responsabilidade do Estado e sim produzir saberes tanto científicos e tecnológicos quanto artísticos e filosóficos, tornando-os acessíveis à população.

Desse modo, alisamos a presença de trabalhos de intervenção para o melhoramento da vida destes a partir de nossas percepções a cerca dos relatos dos assentados entrevistados no contexto dos seu espaço. Um deles é o trabalho realizado por alunos de psicologia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) na cidade de Campina Grande num projeto intitulado de *Psicologia Social Comunitária*. O projeto tem por objetivo uma reflexão do cotidiano destes moradores e ainda levar as crianças e jovens assentados um incentivo a leitura, práticas de desenvolvimento cultural e crítico. O projeto é parte integrante das atividades extensionistas da universidade e ocorre

quinzenalmente com visitas e intervenções com crianças e adolescentes visando o desenvolvimento psicossocial dos integrantes e o desenvolvimento da capacidade crítica de enxergar a realidade.

A ação extensionista tem por objetivo implementar e desenvolver ações de integração entre a universidade e as comunidades buscando a aplicação das teorias vistas em sala de aula. O diálogo entre academia e comunidade é cotidiano trabalhando de forma profundamente articulada com as políticas públicas existentes nas diferentes áreas de atuação em um relacionamento benéfico tanto para a universidade quanto para a sociedade que interage estabelecendo laços entre a realidade, a pesquisa e a sala de aula. As ações precisam ser acompanhadas pelos coordenadores dos projetos no desenvolvimento das atividades.

Já o projeto resultante da disciplina foi fruto de uma atividade avaliativa proposta em sala, deste modo a turma foi dividida em turmas com a orientação do professor para delimitar as formas em que se daria a execução das ações propostas e a discussão teórica para fundamentar o nosso trabalho.

Com os dados colhidos inicialmente, podemos observar que a discussão da temática da reforma agrária no urge no contexto contemporâneo atrelada à prática e pesquisa científica para pensarmos e repensarmos a construção de uma sociedade justa e igualitária para todos. Observamos que as dificuldades enfrentadas pelos assentados no Pequeno Richard não pertence às suas subjetividades e sim, como algo que deve ser debatido para ser modificado pela sociedade civil em geral. Não deixando a responsabilidade social apenas para os que possuem influências no âmbito político. Por isso a comunidade acadêmica deve intervir nestas comunidades para modificar e levar reflexão tanto para os receptores quanto para os próprios produtores.

Grande parte das comunidades periféricas do capitalismo e marginalizadas pela sociedade urbana em geral apresenta exclusão social de contingentes urbanos, entre eles o fator de desemprego e da visão preconceituosa dos marginalizados, problema acentuado pela interferência midiática no tratamento destes sujeitos, principalmente no que se refere à comunidade e componentes onde a pesquisa centra-se, os trabalhadores sem terra. Não nos cabe enquanto pesquisadores sociais, julgar os assentados e os sem-terra pelo estereótipo pejorativo de “vagabundo” disseminado pela mídia que contribuiu no estímulo à revolta e violência para com estes, mas conhecer enquanto pessoas/humanos e a partir daí buscar métodos para modificar a realidade em que eles encontram-se inseridos.

Após as visitas, nossa equipe constatou algumas necessidades desta população. Principalmente ao que se refere a educação infantil. Por isso, decidimos realizar duas oficinas com as crianças. Uma delas de fotografia, onde as crianças assistiram a aula de conceitos básicos da fotografia, em seguida eles tiveram a oportunidade de conhecer a câmera fotográfica que poucos conheciam e também de fotografar. Em seguida, todos eles foram analisar os resultados de suas fotografias na projeção; Outra oficina foi a de telejornalismo onde as crianças foram repórteres e entrevistados depois de assistir a aula básica de como fazer uma entrevista de telejornalismo.



Exibição das práticas de entrevista e telejornalismo realizadas pelas crianças participantes.

Foi produzido também um curta-documental para que os moradores pudessem dividir conosco os seus problemas e quando concluído exibimos o curta para alguns moradores e foram distribuídas cópias a outros.

Percebemos a importância que um projeto de intervenção comunitária auxilia os moradores na construção do social. A observação destas construções permite-nos analisarmos a abrangência dos discursos formados na academia podendo partir para a realidade da comunidade na contemporaneidade.

Com as atividades realizadas com os moradores que compõe o assentamento duas oficinas de cunho comunicacional voltado a educação de podemos verificar a existência e construção de uma rede de comunicação desvinculada dos meios de comunicação tradicionais que constroem um protótipo pejorativo destes sujeitos. A comunidade já apresenta a figura de uma líder comunitária

identificada por Severina da Silva que assume o papel do que Luiz Beltrão intitula de líder de opinião como agente de comunicação social no sistema da comunicação popular dirigido para uma determinada audiência, no caso os demais assentados (TRIGUEIRO, 2008).

Unidos pelos seus direitos e pela vida Severina toma a imagem de agente folkcomunicação onde é capaz de mobilizar e informar os sujeitos integrantes do assentamento, cristalizando as ideias motrizes levando a massa dissociada a unir-se em prol da comunidade. Luiz Beltrão foi pesquisador pioneiro das ciências da comunicação no Brasil com a teoria da Folkcomunicação referindo-se a comunicação em nível popular, entendendo popular como tudo que esteja relacionado ao povo. Onde os mediadores ativistas, neste caso a líder comunitária e nós que realizamos as ações, atuam como agentes de mudança cultural e social buscando proporcionar a (inter)comunicação entre as sociedades urbanas e as rurais.

Trigueiro (2008) define os mediadores ativistas como

Ativistas que operam dispositivos de comunicação das redes de cooperações e solidariedades, entre populações de convivência próximas umas das outras, vinculadas por laços parentescos, vizinhanças, história de vida, como alternativa para sobrevivência individual e coletiva em regiões subdesenvolvidas da ruralidade nordestina. (TRIGUEIRO e MELO et al., 2008, p.143)

Operando em esferas distintas do campo de interesse da mídia hegemônica ao que se refere no tratamento da comunidade de assentados, os mediadores folkcomunicaçãois reinventam formas de abordagem contribuindo para a reconstrução social da realidade vivida exaltando o papel assistencialista do conhecimento e sua relevância social como um espaço de aprendizagem e diálogo entre a comunidade e o conhecimento acadêmico fomentado pelas discussões teóricas vistas em sala de aula como um compromisso firmado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo de nossa pesquisa, no contato com as entrevistadas, e no decorrer dos seus relatos, percebemos inúmeros casos de desrespeito para com os assentados. Mas, mesmo vivendo em condições precárias, afastados de quase tudo e esquecidos pelos governos, os assentados podem incorporar o que Euclides da Cunha profere em “Os Sertões”, “O sertanejo é, antes de tudo, um forte”. Forte por seguir na luta pelos seus direitos e pela vida. A aceitação e acolhida dos assentados para com o projeto de intervenção é o que nos dá a certeza de que é possível avançar as paredes da

sala de aula e partir para a interação com a sociedade que gere de fato reflexão e avanços na própria comunidade.

Mostrando ainda que o ensino da comunicação é possível na construção de um diálogo consistente com o meio social pondo em prática as teorias vistas e trabalhadas em classe e passível de mais incentivos trabalhando de forma articulada com as políticas públicas existentes nas diversas áreas de atuação para que sejam efetivamente postas em prática. Além disso, é de suma importância a compreensão histórica do movimento e de seus componentes torna possível um saber múltiplo e plural, que reconheça e respeite em distintos aportes todas variáveis e lutas, principalmente ao que se refere a produção jornalística ainda repleta de preconceitos.

REFERÊNCIAS

FERNANDES, B.I. Contribuição ao estudo do campesinato brasileiro formação e territorialização do movimento dos trabalhadores rurais sem terra - *MST (1979 –1999)*. 1999. Universidade de São Paulo, São Paulo.

OLIVEIRA, M. E. B.; GARCÍA, M. F. **Luta, resistência e educação do campo**: O MST na Paraíba. Espaço em Revista, UFG-CAC, jan/dez 2008.

MELO, José Marques de. **Teoria da Comunicação**: Paradigmas latino-americanos. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

MORIN, Edgar. A entrevista nas ciências sociais, no rádio e na televisão. In: *Communications*, 7, 1966. Centre National de la Recherche Scientifique Communications. P. 116-135.

QUINTEIRO, E.C. (org.). **Um sensível olhar sobre o terceiro setor**. 2006. São Paulo, São Paulo.

TRIGUEIRO, Osvaldo Meira. A Folkcomunicação no contexto da sociedade globalizada: do líder de opinião ao ativista midiático. In: TRIGUEIRO, Osvaldo Meira; MELO, José Marques de. (orgs.) **Luiz Beltrão**: pioneiro das ciências da comunicação no Brasil. Editora Universitária da UFPB; INTERCOM, 2008. João Pessoa, Paraíba.

Disponível em <<http://www.revistas.ufg.br/espaco>>. acesso 12 de agosto 2016

Disponível em < <http://www.incra.gov.br/> > acesso 10 de novembro 2016.